

Paulo Cayres é eleito presidente da CNM/CUT	01
Lula: "negociar de cabeça erguida"	03
Trabalhadores metalúrgicos e a solidariedade	04
Metalúrgicos expõem campanhas globais	05
CUT reafirma disputa sindical	05

Paulo Cayres é eleito presidente da CNM/CUT

Os cerca de 500 delegados e delegadas participantes do 8º Congresso Nacional dos Metalúrgicos da CUT elegeram o metalúrgico do ABC e atual coordenador-geral do SUR/CSE na Ford, Paulo Cayres, para a presidência da CNM/CUT, para o triênio 2011-2014

A eleição da nova diretoria da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT, composta por quase 40 companheiros que concorreram em chapa única, aconteceu na manhã desta sexta-feira (29), no encerramento do 8º Congresso Nacional da CNM/CUT, realizado no Hotel Caesar Park, em Guarulhos-SP.

Durante o discurso de defesa da chapa, o **vice-presidente da CNM/CUT, Claudir Nespolo** elogiou os nomes indicados para a nova direção.

"Tenho certeza que o companheiro Paulo Cayres e todos os membros da direção vão honrar a história desta Confederação, por onde já passaram nomes como **Ferreirinha, Marco Maia e Carlos Grana.**"



Despedida

O deputado estadual e agora ex-presidente da CNM/CUT, Carlos Grana (PT-SP), fez seu discurso de despedida afirmando que os metalúrgicos e metalúrgicas do Brasil saem deste Congresso mais fortalecidos para a luta.

Grana agradeceu a todos os companheiros e companheiras que conviveram com ele no movimento sindical. "Somos uma geração vitoriosa, porque ajudamos a mudar o Brasil. Fomos e somos leais aos princípios que nortearam a criação e fundação da CUT", ressaltou.

Ao aconselhar os companheiros que assumem o novo mandato, o deputado afirmou a importância de servir à categoria nacionalmente. "Ser dirigente da CNM/CUT não é apenas representar o seu sindicato, mas sim ter a responsabilidade de representar todos os metalúrgicos da CUT no Brasil", lembrando que este foi "um dos Congressos mais maravilhosos realizados pela classe trabalhadora brasileira."

Ao terminar, Carlos Grana brincou com o fato de deixar a presidência da Confederação. "Não fiquem animados. Mesmo estando na Assembleia, vocês ainda vão ter que me aturar muitas vezes. Estarei sempre presente, colocando meu mandato de deputado estadual à disposição da categoria. Apenas estamos no parlamento, mas somos metalúrgicos até o final dos dias", completou. >>>>

>>> Paulo Cayres é eleito presidente da CNM/CUT

Em seu primeiro discurso como presidente da CNM/CUT, Paulo Cayres, agradeceu a todos pela confiança ao elegê-lo. "É um prazer imensurável suceder companheiros como Carlos Grana, Guiba e Fernando Lopes, que já presidiram e fizeram história nesta Confederação".

Paulão, como é conhecido pelos companheiros, afirmou que a CNM/CUT passa por um novo estágio, em que pode contribuir com sindicato de países que necessitam de apoio por meio de programas de solidariedade.

Ele emocionou a todos ao fazer uma analogia entre o pai de família Paulo Cayres e a atuação como dirigente sindical. "As pessoas que mais amo na vida são meus filhos. Sou capaz de matar ou morrer por eles. E essa mesma disposição eu vou colocar também na CNM/CUT, que é parte da minha alma."

Ele finalizou seu discurso ressaltando a importância da categoria para o Brasil durante os oito anos de mandato do ex-presidente Lula. "Todos nós tivemos uma participação importante para a transformação social que o país viveu."

Plano de Lutas



Antes, os cerca de 500 delegados e delegadas do 8º Congresso aprovaram o plano de lutas da categoria, que vai pautar as ações da nova direção da CNM/CUT para o próximo período. Entre os destaques surgidos a partir das 123 propostas de resolução formuladas por sete grupos temáticos que se reuniram na tarde de quinta-feira (28) e aprovadas em plenário pouco antes da eleição da nova direção, está a que trata do apoio da CNM/CUT e de todos os sindicatos e federações da base ao Projeto de Lei formulado pelos Sindicatos dos Metalúrgicos do ABC, Sorocaba, Taubaté e Salto, de regulamentação dos Comitês Sindicais de Empresa, que será encaminhado à Câmara dos Deputados. Apenas uma proposta foi rejeitada.

Solidariedade Internacional - Outro ponto importante foi a criação de um Fundo mantido pela CNM/CUT, que tem por objetivo fomentar a solidariedade aos metalúrgicos de países pobres em desenvolvimento, apoiando projetos de cooperação em organização, formação e ação sindical.

As campanhas pela aprovação do Contrato Coletivo Nacional de Trabalho, redução da jornada de trabalho para 40h semanais e pela ratificação da Convenção 158 da OIT, entre outras, continuam na pautas de luta da Confederação.

Participação de Marco Maia

Quem também teve uma rápida participação no Congresso, na noite de quinta-feira, foi o presidente da Câmara dos Deputados e ex-secretário-geral da CNM/CUT, Marco Maia, que fez um breve discurso para o plenário. Ele abordou principalmente as pautas de interesse da classe trabalhadora que tramitam na Câmara Federal.

*Na próxima semana, a Confederação divulga a lista completa com os nomes que compõem a nova direção da CNM/CUT.

(Fotos de José Alfredo) (Valter Bittencourt - Imprensa CNM/CUT)



Lula: "sindicalismo me ensinou a negociar de cabeça erguida"

Assim que subiu ao palco para participar da abertura do 8º Congresso da CNM/CUT, às 20h30 da quarta-feira (27), o ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva foi recebido por um caloroso coro de mais de 500 pessoas, que cantavam o histórico "Olê, Olê, Olá, Lula...Lula"



Em meio ao balanço de seus dois mandatos como presidente (2003/2006 e 2007/2010) e brincadeiras com o público, que levaram a platéia às gargalhadas diversas vezes, Lula aconselhou os sindicalistas a entrarem de cabeça erguida nas negociações com os empresários.

"Ninguém respeita a subserviência. Se entrar de cabeça baixa [nas negociações], o empresário vai subir no cangote de vocês", afirmou. Para o presidente, exigir o respeito mútuo, não significa ser grosseiro. "[o dirigente sindical] pode ser agradável, gentil, delicado. Mas na hora de negociar tem que saber quem você representa. Aí, vão te respeitar", explicou.

Lula disse que foi agindo dessa forma que, na presidência do Brasil, conseguiu respeito de lideranças do mundo inteiro, como os EUA, França e Alemanha, entre muitos outros países. "Foi assim, com respeito, mas de cabeça erguida, que tratei com todo mundo. [nos oito anos de presidência]. Assim, conquistei muitas amizades também. E isso, aprendi no movimento sindical".

Sobre o governo de sua sucessora, Dilma Rousseff (PT), Lula pediu apoio dos dirigentes metalúrgicos para "nossa querida companheira Dilma", e acrescentou: "tem gente que fica criando intrigas, mas não existe possibilidade de divergência entre mim e a Dilma. E se um dia vier a existir, ela é que está certa".

O ex-presidente lembrou que a oposição, durante a campanha eleitoral de 2010, acusou Dilma de ser terrorista, ser seqüestradora, defender o aborto, quando na verdade ela é uma mulher que foi torturada por 3,5 anos por defender a democracia no Brasil. E está provando ser uma ótima presidenta. "Agora, não tem coisa mais extraordinária um metalúrgico – retirante nordestino – terminar seu mandato e eleger essa mulher como presidenta da República para dar continuidade ao trabalho

"Do fundo do meu coração, sei que fizemos muito, mas sei que ainda há muito o que fazer", disse Lula para concluir o balanço de seus mandatos. "Tenho a sensação de dever cumprido. Não tenho vergonha. E isso incomoda os adversários", acrescentou.

Lula afirmou também que, desde que deixou o Palácio do Planalto, no início deste ano, tem vontade de participar de muitas atividades políticas e sociais. "Tenho vontade de fazer outra Caravana da Cidadania pelo país, de participar de plenárias, de reuniões com catadores [de recicláveis], de visitar quilombos. Tenho vontade de tudo, mas tenho que me controlar". Para ele é difícil o processo de se desligar da presidência. "Mas tenho que desencarnar e assumir meu papel como ex-presidente. Até para mostrar para certo ex-presidente como deixar o cargo e não ficar palpitando no governo do sucessor", afirmou.

Trabalhadores metalúrgicos e a solidariedade internacional

A CNM/CUT realizou o Seminário Internacional "Solidariedade Internacional Contra o Trabalho Precário", no Hotel Caesar Park, em Guarulhos-SP. O secretário de Relações Internacionais da CNM/CUT, Valter Sanches, abriu o seminário ao lado do responsável pela Fundação Friedrich Ebert no Brasil, Yesco Quiroga e do secretário-geral da Federação Internacional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas (FITIM), o finlandês Jyrki Raina.

Em sua participação, Yesco Quiroga citou o tema do seminário lembrando que a precarização do trabalho é um problema mundial que necessita ser tratado de forma centralizada pelo movimento sindical.

"Os sindicatos são os atores sociais e políticos que compartilham os mesmos valores de igualdade, solidariedade e justiça", afirmou.

Já o secretário-geral da FITIM, ao falar sobre a crise econômica mundial, disse que no período, cerca de 10 milhões de empregos foram perdidos na indústria em todo o mundo. "Tivemos uma recuperação muito desigual, onde os empregos não são mais semelhantes ao que era antes. Nos países em desenvolvimento a maior parte destes empregos são precários".

Raina afirmou que a crise foi usada para tirar direitos trabalhistas, como estratégia para enfraquecimento dos sindicatos. "Temos que levantar a bandeira do trabalho decente hoje. Esta deve ser uma bandeira central do sindicalismo".

Ele fechou sua participação com um levantamento das ações realizadas contra o trabalho precário pelos metalúrgicos de diversos países, como África, Turquia e Itália. "Neste seminário, podemos aprender uns com os outros e articular a ação global dos trabalhadores."



Seminário Internacional debate protagonismo do Brasil no mundo



O protagonismo brasileiro no cenário internacional foi o tema abordado pelo embaixador e alto-representante geral do Mercosul Samuel Pinheiro Guimarães durante o Seminário Internacional "Solidariedade Internacional Contra o Trabalho Precário", promovido pela CNM/CUT, em Guarulhos-SP

Ao lado do presidente da CNM/CUT, Carlos Grana e do secretário de Relações Internacionais da Confederação, Valter Sanches, que abriu o painel trazendo informações sobre o crescimento do país na última década, Guimarães ressaltou em sua fala o papel do Brasil na democratização das relações internacionais, como ator presente nas discussões de interesse mundial.

Citando centros de forte influência na gestão dos assuntos internacionais, como o FMI, Banco Mundial e o Conselho de Segurança da ONU, o embaixador disse que estes são espaços de decisão que devem ter a representação dos países que constituem a maioria da população, e não apenas de "impérios", como França, Inglaterra, EUA e Rússia, que acabaram dominando historicamente estes espaços sem abrir novas vagas para países em desenvolvimento.

"É muito importante para o Brasil e para outros países da 'periferia' que o conselho de segurança seja ampliado, já que a maioria das discussões relevantes na atualidade está concentrada nos países subdesenvolvidos." Na sequência, ele trouxe à memória que durante a Rodada Doha, pela primeira vez os países mais pobres disseram não e não aceitaram as condições impostas pelas nações desenvolvidas.

Guimarães também recordou que tentaram jogar a culpa pela grande crise sobre a classe trabalhadora. "Antes de ela acontecer, já havia um movimento para a flexibilização do mercado de trabalho. Queriam retirar as normas, que na verdade, foram as conquistas do movimento sindical em todo o mundo." (Valter Bittencourt - Imprensa CNM/CUT)

Metalúrgicos expõem campanhas globais de solidariedade

Na última mesa do Seminário Internacional "**Solidariedade Internacional Contra o Trabalho Precário**", realizado pela CNM/CUT, no Hotel Caesar Park, em Guarulhos-SP nesta quarta-feira (27), metalúrgicos dos EUA, Canadá, Espanha, Rússia, Suécia e Colômbia compartilharam experiências de campanhas globais contra o trabalho precário.

Secretário-geral adjunto da FITIM, o brasileiro Fernando Lopes abriu o debate afirmando que a sindicalização de um grande número de trabalhadores é o primeiro desafio para combater as práticas de trabalho precário. "Outras ações importantes seriam a negociação coletiva de trabalhadores terceirizados, além de mudanças na legislação trabalhista dos países", afirmou.

Em países que atingiram altos níveis de desenvolvimento, alcançando o pleno emprego, a precarização é resultado de crises deste desenvolvimento e da reestruturação produtiva e da flexibilização da produção.

Lopes apontou que nos países em desenvolvimento ou pobres, a precarização é condição estrutural do subdesenvolvimento das economias nacionais. "É uma característica sempre presente. Praticar o trabalho decente significa desenvolver o país", constatou. Ele também lembrou que as condições que levam à precarização após os anos 90 são as mesmas em todos os países, o que acaba se configurando como uma característica do capitalismo globalizado.



Experiências compartilhadas

As exposições por países foram iniciadas com o relato de Stefan Löfven, presidente do IF Metall (Suécia). Ele diz que o sindicato representa juridicamente os trabalhadores autônomos, terceirizados e temporários do país. "Em média, 35% dos postos de trabalho na Suécia são precarizados".

A representante do sindicato espanhol CC.OO, Yolanda Morin, apresentou a estratégia de cooperação e solidarização efetuada no país por meio da eleição de representantes da CC.OO nas fábricas; da atuação nacional através do diálogo social e a cooperação internacional por empresas e ramos.

O russo Alexey Etmanov, do ITUA, afirmou que atualmente há um projeto de Lei no congresso do país que reivindica a proibição do trabalho terceirizado. Atualmente há trabalhadores quarterizados atuando na Rússia e ainda existe uma forte relação entre trabalho precário e a contratação de imigrantes de países vizinhos da Rússia. "A ausência da tradição sindical causa dificuldade de sindicalização e de organização sindical no meu país."

O estadunidense Chuck Nippoldt, do United Steelworkers, disse que não há um sistema completo de seguridade social em seu país e o nível de precarização nunca foi tão alto como no pós-crise de 2008.

Já o colombiano Jaime Henrique Camargo Frias, do Fetramecol, lembrou que o trabalho precário hoje é uma condição estrutural do subdesenvolvimento do capitalismo colombiano e que no país há uma grande difusão de práticas antissindicalistas. Outro problema é a violência: Ao todo, mais de 2,8 mil sindicalistas foram assassinados. Em 2010, foram 51. "Este é um dos fatores fundamentais para a baixa sindicalização no país. Trabalho decente é também luta por autonomia e liberdade sindical", finalizou.

O representante do USW-Canadá, Pete Mandryk, afirmou que a precarização é algo extremamente novo no Canadá. "Os sindicatos foram pegos de surpresa e ainda estão formulando estratégias de combate a esta prática".

Segundo ele, a precarização iniciou-se com a substituição de trabalhadores canadenses em empregos sujos por imigrantes, mas hoje cada vez mais avança para outros tipos de emprego.

No fim de sua participação, em um momento descontraído, ele pediu para que todos os delegados presentes no auditório levantassem as mãos para que ele pudesse fotografar. "Quando eu disse à minha filha que viria ao Brasil, ela pediu uma foto, que eu vou registrar neste momento. Com esta imagem, vou mostrar a ela que a solidariedade realmente existe entre nós trabalhadores." (Valter Bittencourt - Imprensa CNM/CUT)

CUT reafirma disputa sindical no Dia do Trabalhador

Sem sorteios, com um tema inovador para a data e com a defesa da liberdade e autonomia sindical, Central comemora por todo o país. Foi uma semana inteira de debates, atividades culturais, diversão e atos políticos em torno do tema "Brasil-África: Fortalecendo as Lutas da Classe Trabalhadora"



Quase no encerramento, durante o ato político realizado no Primeiro de Maio da CUT, na noite de domingo (1), Dia do Trabalhador, no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, uma figura que pela primeira vez participava das comemorações que são feitas no Brasil nesta data fez um comentário enfático: "Esta é a melhor celebração de 1º de Maio em que eu já estive em qualquer lugar do mundo", disse Danny Glover, ator de cinema estadunidense, militante do movimento negro dos EUA e filho de pai e mãe sindicalistas.

"E sabem o que há de tão especial nesta celebração da CUT? O reconhecimento de que há um relacionamento extraordinário entre o Brasil e a África, de que somos filhos e filhas de Mandela, e de que está nascendo um novo dia para o continente africano. E a CUT sabe disso", disse.

O presidente da Câmara dos Deputados, Marco Maia (PT-RS), que horas antes havia estado na celebração que as demais centrais estavam realizando em outro ponto da cidade, também fez uma declaração enfática, desta vez marcando as posições políticas que a CUT vem defendendo há quase três décadas no Brasil: "Sou cutista e tenho orgulho de estar aqui, porque na CUT há o que existe de melhor no movimento sindical brasileiro".

De alguma forma, deram a deixa para a fala que encerraria depois o ato político. "Mais uma vez a CUT mostra ousadia e inovação, ao eleger como tema a importância de fortalecermos as relações entre Brasil e África, entre nossos povos e entre nossa luta por direitos e avanços sociais", iniciou Artur Henrique, presidente da CUT.

Também em sua fala, Artur destacou a disputa sindical que se acirra no Brasil. "Neste Primeiro de Maio nós estamos também levantando mais uma vez a necessidade de acabar com o famigerado imposto sindical, que estimula a criação de aproximadamente 2,3 novos sindicatos por dia, a maioria sindicatos que não representam nada, que não fazem nada para melhorar a vida dos trabalhadores", afirmou.

"Cada vez mais precisamos é fazer com que os sindicatos no Brasil sejam fortes, representativos, e isso só vamos conseguir quando os trabalhadores puderem escolher, decidir como querem financiar seu sindicato", completou. A CUT defende o fim do imposto sindical e que em seu lugar seja introduzida a contribuição sobre a negociação coletiva, que seria votada em assembleias de trabalhadores da base de cada sindicato. Essa forma de financiamento tende a fortalecer sindicatos que têm atuação e a acabar com os sindicatos de fachada, que por não fazerem nada não conseguiriam convencer os trabalhadores a aprovar a contribuição.